

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

**KARINA MULHMANN
RAFAELA SENEM FERREIRA**

**MARCAS LINGUÍSTICAS EM CARTAS DE SUJEITOS SUICIDAS:
SIGNIFICAÇÕES E SUBJETIVIDADE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pato Branco – Paraná

2015

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

**MARCAS LINGUÍSTICAS EM CARTAS DE SUJEITOS SUICIDAS:
SIGNIFICAÇÕES E SUBJETIVIDADE**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, como requisito para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Orientadora: Professora Dra. Márcia Andrea dos Santos.

Pato Branco – Paraná

2015

trregar ao acadêmico
após a Defesa.

Prof.ª Rosângela

Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **MULHMANN, Karina; FERREIRA, Rafaela Senem**

Título: **Marcas linguísticas em cartas de sujeitos suicidas: significações e subjetividade**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 26 / 06 / 2015, com

NOTA 9,5 () pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.ª Dra. Maria Ieda Almeida Muniz – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras
UTFPR Câmpus Pato Branco

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Certamente, nossos agradecimentos serão aqui apenas palavras direcionadas às pessoas que participaram desta fase de nossas vidas. Acreditamos que o sentimento de reconhecimento e gratidão de quem esteve ao nosso lado nesse tempo de estudo é mais valioso. Entretanto, não podemos deixar de citar àquelas pessoas que se fizeram presentes fisicamente e espiritualmente conosco. Como é o caso da nossa querida colega Ângela Germiniani, que nos deixou tão cedo.

Reverenciamos aqui, também, a nossa amiga Tatiane Beatriz Galvão que nos incentivou a seguir com a proposta inicial de nossa pesquisa e que se fez prestativa em nos ajudar.

Agradecemos imensamente a nossa orientadora Márcia Andrea dos Santos, que nos acompanhou desde os primeiros períodos do curso e que teve papel crucial no nosso amadurecimento como pessoas, alunas e professoras. Com ela, conseguimos superar nossas expectativas em relação ao curso. Realmente nos encontramos nas disciplinas ministradas por ela. Reprovamos algumas vezes e agradecemos por isso também, pois dessa forma aprendemos que só alcançamos algo se correremos atrás.

Agradecemos à Deus por ter nos dado paciência e por não deixar que o estresse da produção desta pesquisa acabasse com a nossa amizade.

Gostaríamos de deixar registrado o nosso reconhecimento a todos os professores do curso de Letras da UTFPR, às nossas famílias e amigos, ao nosso companheirismo e amizade.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo baseado na área da semiótica e linguagem bem como um aprofundamento no que tange à subjetividade. A problemática em questão, envolve as revelações deixadas por sujeitos suicidas em rascunhos, mensagens e cartas, sendo esse tipo de relato o principal *corpus* de análise, coletados em jornais eletrônicos e no Fórum da cidade de Pato Branco-PR. Dessa forma pretende-se entender a subjetividade presente nesses escritos, bem como compreender as relações entre pensamento e linguagem e analisar o comportamento agregado de expressões linguísticas, correlacionando tais objetivos às teorias da área da semiótica. Complementando a pesquisa, o estudo foi aprofundado no que referencia os tipos de suicídio, segundo o francês Émile Durkheim. Os resultados foram obtidos com sucesso conforme as teorias de Charles S. Peirce, sobre primeiridade, secundidade e terceiridade, compreendendo também como o meio social interfere na vida e no consciente do sujeito.

Palavras-chave: Semiótica. Linguagem. Expressões linguísticas. Pensamento. Subjetividade. Cartas de sujeitos suicidas. Suicídio. Charles S. Peirce.

ABSTRACT

This research aims a study focused in the semiotic area and language as well as a deepening in relation to subjectivity. The issue involves the revelations left by suicidal in messages and letters, and this kind of report is the main research corpus of analysis, collected in electronic newspapers and in the Forum of the city of Pato Branco-PR. Thus we intend to understand the subjectivity present in these writings, as well as understand the relationship between thought and language and analyze the aggregate behavior of linguistic expressions, correlating these objectives the semiotic field of theories. Complementing the research, the study was thorough in referencing the kinds of suicide, according to the French Émile Durkheim. The results were obtained successfully in accordance with the theories of Charles S. Peirce, on firstness, secondness thirddness and also understanding how the social environment affects the lives and conscious of the individual.

Keywords: Semiotics. Language. Linguistic expressions. Thought. Subjectivity. Suicidal Letters. Suicide. Charles S. Peirce.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 ENTENDENDO A SEMIÓTICA.....	8
2.2 LACAN E PEIRCE: RELACIONANDO TEORIAS	13
2.3 SUJEITO E SUBJETIVIDADE	18
2.4 OBJETIVAÇÕES E SUBJETIVAÇÕES.....	21
2.5 ENTENDENDO O QUE É SUICÍDIO.....	23
3 ANÁLISE DE DADOS	28
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS	45
ANEXO A – autorização do jornal eletrônico Tribuna de Indaiá para a reprodução de reportagem.....	46
ANEXO B – laudos retirados do Fórum de Pato Branco.....	46

1 INTRODUÇÃO

A autoviolência é um gesto de insatisfação. Existem vários fatores que podem levar um sujeito a praticar determinado ato, tendo ele um final trágico, como no mais alto grau de autoviolência, o suicídio. Uma das explicações para compreender o que leva o sujeito à auto violentar-se é o contexto social. Aspectos como *bullying*, pobreza, depressão, baixa-estima, entre outros, ganham espaço no inconsciente, significações que parecem ser bastante preponderantes em casos de suicídio, a vida em sociedade, muitas vezes, parece tirar o equilíbrio emocional e alterar o funcionamento cognitivo dos indivíduos.

Em nossa área de Línguas, o trabalho com a linguagem nos faz querer compreender quais são as marcas deixadas por sujeitos suicidas em cartas, bilhetes, rascunhos e mensagens de texto, buscando uma resposta para a questão: O que revelam as marcas e expressões linguísticas deixadas por sujeitos suicidas em rascunhos, mensagens e cartas?

Este trabalho dar-se-á sob uma pesquisa qualitativa documental, em que o *corpus* utilizado serão cartas ou mensagens de sujeitos suicidas analisadas de acordo autores da área da Semiótica e de teorias sociológicas que possam auxiliar na compreensão dos signos, marcas linguísticas deixadas por tais sujeitos buscando compreender como as marcas linguístico-cognitivas podem estar em relação com a consciência profunda e como ali se pode perceber a subjetividade. A pesquisa documental é realizada em fontes como cartas, relatórios, obras originais de qualquer natureza – notas, ofícios, discursos, depoimentos orais e escritos, mensagens. (SANTOS, 2000). Assim, as cartas analisadas neste trabalho têm cunho documental.

A motivação principal para o desenvolvimento desta pesquisa é o conhecimento em relação à subjetividade encontrada na escrita, que pode dizer muito sobre quem a escreve. O comportamento agregado de certas expressões linguísticas compreende mais do que um simples relato. Em contexto escolar, a compreensão da subjetividade presente na escrita dos alunos, o entendimento sobre a formação da consciência e as relações existentes do pensamento à linguagem social e escrita, poderão ser de suma importância para o reconhecimento de expressões subjetivas. Neste caso, o

professor capacitado poderá entrar em contato com o pedagogo da escola e direcionar determinado caso à ajuda especializada.

Este trabalho de pesquisa estrutura-se da seguinte forma:

Na Seção I apresenta-se o referencial teórico, no que tange às teorias, abordaremos conceitos fundamentais da área da Semiótica, como referência Lucia Santaella(1999; 2005), Sigmund Freud(2011), Charles Peirce (1977), Jacques Lacan(1998), e Peter L. Berger e P. Luckmann (2004). cremos encontrar, com esses estudos e demais, respostas peculiares à nossa pesquisa: a subjetividade presente na linguagem de um sujeito suicida.

Na Seção II contempla-se a análise de dados, que se deu da seguinte maneira: aplicamos as teorias estudadas como finalidade de compreender a subjetividade presente nos escritos deixados por sujeitos suicidas. O *corpus* foi trabalhado individualmente, sendo abordadas as sentenças principais que nos remetem à subjetividade da linguagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a realização deste trabalho de pesquisa, buscaram-se compreender as relações entre pensamento, linguagem e marcas linguísticas deixadas nos últimos momentos de comunicação do sujeito suicida com o mundo social, seja por meio de cartas, bilhetes, rascunhos ou mensagens de texto digitais, sendo esse o foco principal deste trabalho. A análise procederá de forma que consigamos encontrar nas cartas marcas linguísticas que caracterizem a subjetividade do sujeito suicida, de acordo com as teorias estudadas na área da semiótica.

O termo suicídio vem do latim, *suicidare*, e, etimologicamente, *sui* significa "próprio" e *cidare*, "ação de matar", logo a ação de matar a si próprio. "O termo foi utilizado pela primeira vez em 1737, por Desfontaines, e significa o ato de matar a si mesmo ou morte intencional auto infligida" (CARVALHO, 2012, p.1).

O sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), em seu livro *O Suicídio* (1982), estudou sistematicamente o problema. Para ele, o suicídio é todo e qualquer caso de morte, que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, tendo em mente o resultado de sua atitude. (DURKHEIM, 1982. p. 13).

Para relacionar as teorias ao corpus de pesquisa, anteriormente é necessário que se faça um apanhado geral sobre as doutrinas estudadas para a elaboração desta análise, iniciando pela semiótica.

2.1 ENTENDENDO A SEMIÓTICA

A palavra semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Portanto, é a ciência que estuda e analisa os signos, que podem ser verbais e não verbais. Nas palavras de Lucia Santaella (2005), semiótica é a ciência geral de todas as linguagens.

Santaella (2005) revela que o surgimento da semiótica ocorreu em três diferentes lugares, (Estados Unidos, União Soviética e Europa Ocidental)

temporalmente quase sincronizados, reforçando a ideia da necessidade de uma ciência que estudasse e criasse dispositivos de indagação e aparelhos metodológicos para desvendar o universo multiforme dos fenômenos da linguagem.

Charles Sanders Peirce é considerado o pai da semiótica. Além de cientista da linguagem, foi filósofo e usou da lógica para apresentar os estudos dos signos (semiótica). E dentro dessa ciência ele desenvolveu categorias de pensamento para que a linguagem pudesse ser claramente estudada. No decorrer deste trabalho, abordaremos tais categorias para compreender a subjetividade materializada nas escrituras de sujeitos suicidas.

Para Santaella (2005), o comportamento dos seres humanos pode ser entendido e explicado a partir de significados construídos pelos indivíduos em relação com a realidade. Dessa forma, a análise das linguagens verbais e não verbais se caracterizam como as principais relações entre sujeito e o mundo. Busca-se entender através da linguagem o que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e conduzir. Aparentemente, a linguagem provoca nos seres humanos uma elocução de consciência do seu estar-no-mundo como indivíduos sociais que se apresentam e estes são medidos por uma linguagem que se comunica através de várias formas como movimentos, imagens, sinais, escritas e até mesmo através do olhar, do sentir e do apalpar, uma espécie tão complexa que nos constituem seres humanos como seres simbólicos, isto é, seres de linguagens.

De acordo com Santaella, 2005, p.10:

Como ponto de partida, porém, que tentemos desatar o nó de um equívoco de base: a diferença entre língua e linguagem em conexão com a diferença, que buscaremos discriminar entre linguagens verbais e não verbais. Tão natural e evidente, tão profundamente integrado, ao nosso próprio ser é o uso da língua que falamos, e da qual fazemos uso para escrever.

Diante dessa observação, busca-se uma atenção mais cuidadosa no conceito do que a linguagem pode demonstrar. É a partir do indivíduo que se demonstra o processo de alteração dos seus sinais no momento de sua observação dos objetos com foco do seu mundo, cultura e com suas crenças. Considerando que todo fenômeno de cultura, ou todo ato praticado por um ser

humano, com base na consciência da realidade de vida, também funciona como um fenômeno de comunicação e transformação, ponderando que esses fenômenos se comunicam porque são baseados numa estrutura de linguagem, pode-se dizer que todo e qualquer ato e qualquer atividade prática ou social constituem-se em práticas significantes, isto é, produzem um sentido consciente evidenciado externamente a partir dos seus atos cometidos conscientemente.

Iremos, contudo, mais além: de todas as aparências sensíveis, o homem – na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos - desvela significações. É no homem e pelo homem que se opera o processo de alterações dos sinais. (SANTAELLA, 2005, p.13).

Baseado no que Peirce acreditava sobre a ciência do pensamento, buscou-se entender as manifestações psicológicas com as categorias da consciência, que se demonstravam através de uma tríade que estava primeiro na psicologia, então na fisiologia e na teoria das células, finalmente na evolução biológica e no cosmo físico como um todo. (SANTAELLA, 2005, p. 41).

Para Matos (2011), são as categorias universais do pensamento à luz da semiótica peirceana, todo e qualquer fenômeno (aquilo que acontece), passa e perpassa por essas categorias, as quais, didaticamente, são estudadas na sequência Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

Para exemplificar as categorias como manifestações psicológicas, as quais se dão na apresentação dos fenômenos na consciência, Peirce (apud Santaella 2005) diz ser a consciência de uma forma metafórica “como um lago sem fundo”.

Consciência não se confunde com razão. Consciência é como um lago sem fundo no qual as ideias estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão é apenas a camada mais superficial da consciência. Aquela que está próxima da superfície. Sobre essa camada, porque superficial, podemos exercer autocontrole e também, porque superficial, é a ela que nossa autoconsciência está atada. Daí tendermos a confundir consciência com razão. (SANTAELLA, 2005, p.41)

Logo, de acordo com Corrêa e Lopes (2012, p.6) a consciência, mostra-se numa relação clara e irônica com o inconsciente Freudiano, enquanto

camada de ideias em constante mobilidade e que vez por outra são decodificadas pela linguagem verbal e se lançam ao mundo.

Ainda na questão do inconsciente, Freud, já havia definido a dinâmica psíquica em consciente, pré-consciente e inconsciente, que mais tarde seria denominada de ID, ego e superego. Nesse sentido, Corrêa e Lopes (2012, p.6) destacam que:

A relação com as categorias peirceanas se faz presente desde esses primeiros estudos de Freud, ainda que o mesmo não soubesse. Mais tarde, Lacan, na sua divisão da realidade conceitual humana em imaginário, real e simbólico estaria relacionando de forma consciente os estudos de Peirce com os seus três registros.

Para Santaella, (2005, p. 66) a categoria da Primeiridade “trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir”. Na Primeiridade é que temos a simples percepção de algo como um piscar de olhos, um instante súbito, sem qualquer referência. O signo que manifesta esta categoria é o ícone – imagem do todo conotativo metafórico, analógico, tudo como naturalmente é e está; – as coisas são apreendidas na sua totalidade sem fragmentá-las.

Ponte & Niemeyer (2010, p. 3), se referem a essa relação como:

A Primeiridade está ligada à ideia de um primeiro que não está em relação com nenhum outro. É do âmbito da qualidade, imediaticidade, potencialidade, acaso indeterminação, espontaneidade, originalidade, frescor, sentimento. É pré-reflexivo e pré-ativo.

Referente à segunda categoria, acredita-se existir um mundo real, um mundo sensual, livre do pensamento e, no entanto, pensável, caracterizado pela Secundidade. Nessa categoria encontram-se os sentimentos, as ações os vícios, traumas, toda uma reação do nossa consciência a uma referência passada. De acordo com Santaella (2005, p.74):

Quando qualquer coisa, por mais fraca e habitual que seja, atinge os nossos sentidos, a excitação exterior produz os seus efeitos em nós. Tendemos a minimizar esse efeito porque a ele é, no mais das vezes, indiscernível. É o nosso estar como que natural no mundo, corpos vivos, energia palpitante que recebe e responde. No entanto, quaisquer excitações, mesmo as viscerais ou interiores, imagens mentais e sentimentos ou impressões, sempre produzem alguma reação, conflito entre esforço e resistência. Segue-se que em toda experiência, quer seja de objetos interiores ou exteriores, há sempre elemento de reação ou segundo, anterior à mediação do pensamento articulado e subsequente ao puro sentir.

Ainda sobre a Secundidade, Ponte & Niemeyer (2010, p.3), afirmam que ela se apresenta e se contrapõe a um primeiro e, por isso, se relaciona com as noções de ação e reação, alteridade, conflito, existência, singularidade, oposição, negação, fato.

E por fim, temos a Terceiridade, que nada mais é do que a síntese, a consciência total de um problema. Para Santaella (2012, p. 78) essa categoria:

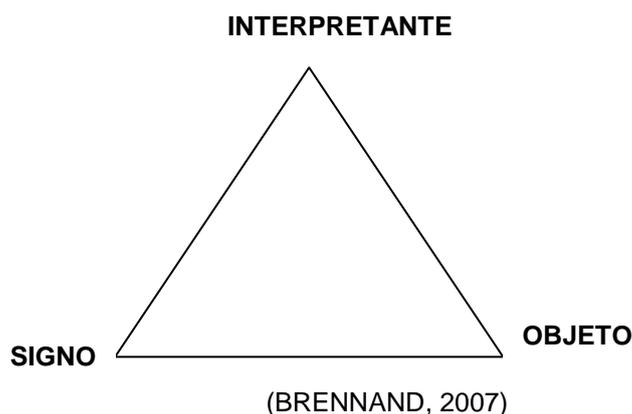
Aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, por meio da qual representamos e interpretamos o mundo. É lei, mediação, estrutura regulada que prescreve o sujeito.

No que se refere à semiótica triádica de Peirce, Moimaz & Molina (2009, p. 578) ressaltam que:

Todas as coisas que se apresentam ao ser humano podem ser caracterizadas em três categorias, estabelecidas por ele como sendo os três modos de os fenômenos se apresentarem à consciência. Esta relação triádica do Signo, Objeto e Interpretante é a mais simples.

Para um entendimento preciso da tríade de Peirce, podemos representá-la da seguinte maneira:

Tabela 1: tríade de Peirce



O *signo* que entra em uma relação triádica de significação é também chamado *representamen* (*R*). É a face do signo imediatamente perceptível e faz referência a Primeiridade. O *objeto* (*O*) faz parte da Secundidade, da experiência existencial, é a o quê o interprete envia o signo em um processo de

semiose. O *interpretante* (I) é o signo mediador do pensamento, um terceiro, que permite relacionar o signo apresentado ao objeto que ele representa, Terceiridade. O *representamen* (R) é um signo primeiro. Ele não remete diretamente ao objeto (O) representado que é um segundo. Para representá-lo, ele precisa da mediação do signo do pensamento, o interpretante (I), que é um terceiro. Logo, não existe uma relação estreita entre signo e objeto; o signo só representa um objeto via interpretante que pode também se tornar outro *representamen* que convoca outro interpretante que o levará a outro objeto e assim por diante.

Abaixo, a imagem representa mais claramente as categorias da consciência:

Tabela 2: categorias da consciência

Primeiridade	Segundidade	Terceiridade
<i>Feeling</i>	Consciência de uma interrupção no campo da consciência/ sentido de resistência	Consciência sintética/ sentido de aprendizagem/ pensamento
<i>Feeling</i> <i>feeling</i> imediato Qualidades de <i>feeling</i>	esforço Sentido de polaridade reação (volição e experiência)	concepções/ noções Consciência sintética Aquisição de hábitos
Qualidades de <i>feeling</i> ou consciência imediata	Sentido de reação entre dentro e fora: esforço e choque da experiência	Consciência de hábitos – formação ou aprendizagem
pensamentos, puros e simples <i>Feeling</i>	ações	paixões
<i>Feeling</i> <i>feeling</i> <i>premisense</i> Sentido de qualidade	esforço Sentido de alteridade <i>molition</i>	pensamento (modo intelectual) Sentido de mediação Reconhecimento de hábito

QUEIROZ, 2007, p.215

2.2 LACAN E PEIRCE: RELACIONANDO TEORIAS

Lacan (1998) afirma que o Real, o Imaginário e o Simbólico são registros essenciais da realidade humana, chamando-os também de categorias conceituais, universalizando esses registros. Em outra passagem, Lacan cita Charles Peirce e a sua tríade conhecida como Primeiridade, Secundidade e Terceiridade anteriormente citadas, estando diretamente ligadas aos seus registros (LACAN apud BALAT, 1988). Dando ênfase primeiramente aos

registros de Lacan, Lucia Santaella (1999) entende que o *Imaginário* é basicamente o registro psíquico correspondente ao ego (ao eu) do sujeito, cujo investimento libidinal foi denominado por Freud de Narcisismo.

Para Quinet (apud SANTAELLA, 1999, p.7) o eu é como Narciso, pois:

Ama a si mesmo, ama a imagem de si mesmo... Que ele vê no outro. Essa imagem que ele projetou no outro e no mundo é a fonte do amor, da paixão, do desejo de reconhecimento, mas também da agressividade e da competição.

Para tentarmos entender melhor, Lacan em seu texto referente às fases do espelho, utiliza o esquema ótico para compreender a capacidade de introdução e constituição do eu, também como colocação do sujeito numa relação de se explorar. Lacan se refere ao estágio do espelho como sendo o momento em que o bebê, numa idade entre seis e dezoito meses demonstra interesse na sua imagem quando refletida. Ele explica esse interesse particular tomando como referência a ideia de Bolk de que o:

[...] Lactente humano é, de fato, desde a origem, em seu nascimento, um prematuro, fisiologicamente falando. Por isso está numa situação constitutiva de desamparo; experimenta uma discordância intra-orgânica. Portanto, segundo Lacan, se a criança exulta quando se reconhece em sua forma especular, é porque a completeza da forma se antecipa com relação ao que logrou atingir; a imagem é, sem dúvida, a sua, mas ao mesmo tempo é a de um outro, pois está em déficit com relação a ela. Devido a esse intervalo, a imagem de fato captura a criança e esta se identifica com ela. Isso levou Lacan à ideia de que a alienação imaginária, quer dizer, o fato de identificar-se com a imagem de um outro, é constitutiva do eu (moi) no homem, e que o desenvolvimento do ser humano está escondido por identificações ideais. É um desenvolvimento no qual o imaginário está inscrito, e não um puro e simples desenvolvimento fisiológico. (MILLER, 1977, p. 16-17 apud SANTAELLA e NÖTH, 1998, p. 189-190).

O reconhecimento da imagem se torna possível inicialmente com o primeiro contato da criança com a sua figura refletida. Segundo Santaella (1999), é nesse momento que o ego se projeta nas imagens em que se espelha: imaginário da natureza, do corpo, da mente, das relações sociais. Buscando por si mesmo, o ego espera encontrar no espelho o reflexo da sua subjetividade. Essa situação é um símbolo da qualidade humana, uma vez que estamos sempre almejando por uma completude que jamais será encontrada,

imensamente enlaçada em fantasias que testam sentidos em que o sentido está sempre em falta.

Tem-se a forte impressão que o Real existe fora dos seres humanos, que o mundo é tal como se demonstra e como é visto, mas na verdade a realidade não existe como algo externo ao indivíduo, ela é um dado interno. Partindo do que se vê, não se sabe como o mundo é na verdade. A percepção não o compreende como ele é em si mesmo, não se consegue definir a realidade coerente e coesa porque os estímulos do mundo externo são transformados pelos sentidos de cada indivíduo. Desse modo, os sentidos poderão ser transformados na sensibilidade do que se ouve, vê e sente, serão definidos pelo mundo interno ao sujeito que está observando, e o objeto percebido poderá ser modificado internamente a partir das percepções do externo, como vibrações em sons, reações químicas em cheiros, fótons em imagens, ondas eletromagnéticas em cores. (SANTAELLA, 2005).

Santaella (2005) sintetiza que para Lacan o Real é aquilo que sobra como resto do Imaginário e que o Simbólico é incapaz de capturar. Diante do Real, o Imaginário deriva e o Simbólico cai. Real é aquilo que falta na ordem simbólica, os restos que não podem ser abolidos em toda juntura do significante, onde o limite é a aproximação, jamais enlaçamento. É onde vemos os traumas, vícios e medos.

O real é o registro psíquico que não deve ser confundido com a noção corrente de realidade. O real é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável no sujeito. (BRAGA, 1999, p. 2).

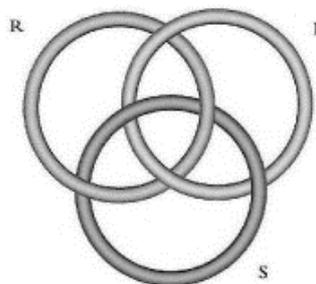
Ao se tratar do registro do Simbólico, o qual se intercala com a linguagem, estrutura e serve como regulador. Sem ele não haveria cultura e que para Lacan denomina-se de o grande Outro (sempre grafado em letra maiúscula) para diferenciar a relação com o outro mútuo e proporcional ao eu imaginário. Sobre isso, Miller (1987) argumenta que:

O outro é o grande Outro da linguagem, que está sempre já aí. É o outro do discurso universal, de tudo o que foi dito, na medida em que é pensável. Diria também que é o Outro da biblioteca de Borges, da biblioteca total. É também o Outro da verdade, esse Outro que é um terceiro em relação a todo diálogo, porque no diálogo de um com outro sempre está o que funciona como referência tanto do acordo quanto do desacordo, o Outro do pacto quanto o Outro da controvérsia. Todo mundo sabe que se deve estar de acordo para

poder realizar uma controvérsia, e isso é o que faz com que os diálogos sejam tão difíceis. Deve-se estar de acordo em alguns pontos fundamentais para poder-se escutar mutuamente. ... É o Outro da palavra que é o alocutário fundamental, a direção do discurso mais além daquele a quem se dirige. A quem falo agora? Falo aos que estão aqui e falo também à coerência que tento manter. (MILLER, 1987. p. 22).

Lacan traz esses três registros enlaçando-os e demonstra tal enlaçamento com um *nó borromeano*, sendo a lógica psicológica na qual os indivíduos atuam. Vejamos a seguir o exemplo:

Tabela 3: estrutura do nó borromeano



Nó borromeano: R= Real S= Simbólico I= Imaginário

TAVARES, 2010

Segundo Tavares (2010, p. 3), no que se refere ao *nó borromeano*:

Parte sua constatação de estrutura mínima em três. "Algo começa nos três que inclui todos os números seguintes a serem enumerados". Tal constatação realmente faz-se notar, gera uma satisfação com a boa forma tridimensional da *Gestalt* imaginária por ele engendrada: "O nó borromeano, concebido suportando o número três é do registro do imaginário. É como o imaginário está enraizado nas três dimensões do espaço".

Para Rabinovich (2005), a estrutura borromeana implica uma equiparação das três ordens, Real, Simbólico e Imaginário, sendo que cada uma delas tem a mesma importância que as demais. Cada um dos anéis se organiza de modo diferenciado do outro. Ao mesmo tempo, esse processo permite que, depois que essa organização se dê, ela se auto anule, pois, uma vez que é intercambiável cada anel pode sempre ser o outro.

Compreendendo as teorias de Lacan conseguimos relacioná-las às teorias de Peirce, entendendo a semiótica que abrange todas as linguagens,

com enfoque interdisciplinar, abrangendo uma área de estudo muito vasta e complexa, visto que estuda a realidade cultural, o contexto.

Santaella (2000, p. 159), define como *signo* algo que, de certo modo e numa certa medida, tenta representar, quer dizer, estar para, tornar presente alguma coisa, diferente dele, seu objeto, produzindo, como fruto dessa relação de referência, um efeito numa mente potencial ou real.

Sobre a correlação entre Peirce e Lacan, o *Imaginário* corresponderia à categoria de *Primeiridade*, o *Real* com a *Secundidade* e o *Simbólico* sendo correspondido à *Terceiridade*, respectivamente. Para contextualizar, em artigo denominado “*As três categorias peircianas e os três registros lacanianos*”, (1999), Lucia Santaella destaca nas referidas relações:

A correspondência do imaginário com a categoria da primeiridade não é difícil de ser percebida. Qualquer identificação é imaginária em todas as ocasiões. Identificar é obliterar a distinção entre o sujeito e o objeto da identificação. É dissolver as fronteiras que poderiam distinguir e separar o ego do outro. A identificação corresponde, portanto, a um estado monódico que almeja a totalidade, completude e auto suficiência. O imaginário é uma mônada que se alimenta da miragem do outro, uma miragem na iminência da dissipação e da perda. Ser eu, sendo, ao mesmo tempo, o outro, é idílico, mas também mortífero, pois um dos polos dessa pretensa unidade está sempre à beira do desaparecimento. Tal iminência de dissipação é uma das principais características da primeiridade. (SANTAELLA, 2012, p.160).

Já a relação entre o Simbólico e Terceiridade é óbvia, segundo Lucia Santaella, pois “O grande Outro em todos os seus sentidos é sempre terceiridade. É lei, mediação, estrutura regulada que prescreve o sujeito”. (SANTAELLA, 2000, p.160).

Sobre a fenomenologia à Semiótica, em seu texto a autora sintetiza que quando comparamos Peirce e Lacan encontramos uma relação fenomenológica e semiótica.

Para Peirce, fenomenologia ou faneroscopia é uma quase-ciência. É apenas a porta de entrada para sua arquitetura filosófica. Embora as categorias sejam um ponto de partida importante para a análise de um dado fenômeno, as ferramentas analíticas não vêm delas, mas sim dos conceitos semióticos. (SANTAELLA, 1999, p.112).

Depois de relacionar esses conceitos, adentramos agora na área em que estará destinada a amplitude deste trabalho, a linguagem e subjetividade.

O ser humano se move em função de algo. Essa não é uma introdução equivocada ao conceito de ato. Lacan (1998) esclarece o ato como o impasse de um pensamento, onde apenas ele (ato) terá que encontrar um “passe” para se cumprir, de tal forma que isso se caracterize como sua passagem.

Ao analisar clinicamente os comportamentos neuróticos, Lacan revela que o comportamento pode vir atrelado ao pensamento e tal forma que o sujeito se mostra ocupado como o próprio ego quanto à avaliação correta do seu ato, podendo este cometer ou não determinado ato, ou até mesmo utilizá-lo como uma obsessão. Neste caso, o ato suicida.

Partindo das teorias já abordadas, apresentar-se-ão as expressões linguísticas verbais em cartas e rascunhos deixados por sujeitos suicidas. Esta análise se dará a partir das relações entre *o Real, o Imaginário e o Simbólico* lacaniano com o intuito de esclarecer e compreender a subjetividade, o comportamento que leva o sujeito a cometer tal ato, a fim de solucionar seus problemas.

2.3 SUJEITO E SUBJETIVIDADE

No que tange à consciência, Molon (2011, p. 82) entende esta como sendo um reflexo do reflexo que enquanto mecanismo se torna suportadora de um sistema reflexivo. Logo, não se confunde consciência com o reflexo em si, mas sim o mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexo. Ao citar Vygotsky, a autora afirma que ele se encontrava num momento próximo da reflexologia e “[...] acreditava na possibilidade de um estudo objetivo da consciência como um sistema de transmissão entre sistemas de reflexo”.

Segundo Molon (2011 p. 82):

Vygotsky (1996) diferenciava as psicologias subjetivas pelo valor atribuído ao informe verbal da pessoa que não se comparava à introspecção. Desenvolveu a ideia de relevância do informe do sujeito no processo de produção de conhecimento, como algo que fazia parte, necessariamente, do processo de investigação.

Dessa forma, ele acreditava que o questionamento ou interrogatório não extraia do sujeito suas vivências. Vygotsky (apud MOLON 2011 p. 82), “a pessoa que está submetida à prova não é testemunha que declara sobre um

crime que presenciou (seu antigo papel), mas é o próprio criminoso e, o que é mais importante, no momento do crime.”

Dessa forma, o interrogatório integra o processo de produção de conhecimento sendo um sistema de excitantes. Para Vygotsky, a linguagem é vista como constituidora da consciência. Sendo assim, ressalta:

A palavra escutada é um excitante, a palavra pronunciada é um reflexo que cria esse momento excitante. Esses reflexos reversíveis, que originam uma base para a consciência social e para a coordenação coletiva do comportamento, o que, entre outras coisas, a origem social da consciência. (VYGOTSKY, 1996 apud MOLON 2011, p. 83)

Entende-se dessa forma que a construção social do sujeito e da mente se dá por meio da linguagem. Molon (2011, p. 83) afirma que para Vygotsky, o eu se constitui apenas numa relação com o outro, sendo “um sistema de reflexos reversíveis, em que a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do comportamento social e da consciência.”

Dessa forma é entendido que o sujeito tem conhecimento consciente do eu e do outro, pois por esse viés, temos consciência de nós mesmos porque temos consciência do outro, o autoconhecimento se dá acerca do conhecimento sobre o outro, somos para nós o que o outro reflete a nós, logo nos reconhecemos quando somos outros para nós mesmos.

Sendo assim, o sujeito se constitui devido ao reconhecimento do outro, ou seja, o autoconhecimento do eu, sendo este sistema, um mecanismo de reflexos reversíveis (MOLON, 2011).

Berger e Luckmann (2006, p. 37) ao se referir sobre consciência afirma que ela é sempre intencional, tende sempre para algo, sempre direcionada para objetos.

Nunca podemos apreender um suposto substrato de consciência seja experimentado como pertencendo a um mundo físico externo ou apreendido como elemento de uma realidade subjetiva interior. Quer eu (a primeira pessoa do singular, aqui como nas ilustrações seguintes, representa a autoconsciência ordinária na vida cotidiana), esteja contemplando o panorama da cidade de Nova York ou tenha consciência de uma ansiedade interior, os processos de consciência implicados são intencionais em ambos os casos. (BERGER e LUCKMANN, 2006, p.37).

Desse modo, entende-se que a consciência constitui diferentes esferas de realidade, pois conseguimos reconhecer as pessoas que fazem parte do nosso cotidiano de forma natural, onde se pertence à realidade diferente das pessoas que aparecem em nossos sonhos, no nosso imaginário. Berger e Luckmann afirmam que o mundo é constituído de variadas realidades.

Quando passo de uma realidade a outra experimento a transição como uma espécie de choque. Este choque deve ser entendido como causado pelo deslocamento da atenção acarretado pela transição. A mais simples ilustração deste deslocamento é o ato de acordar de um sonho. (BERGER e LUCKMANN 2006, p. 38)

Podemos entender assim que, por esse viés, quando um sujeito transpassa de uma realidade à outra entra em choque, logo em nosso trabalho essa teoria se aplica quando o sujeito suicida sai de sua realidade atual, passando a outra, e que, neste caso, o suicídio é o resultado desta transição como a situação de choque, é a fuga, a não aceitação de mudança.

De acordo com Lucia Santaella, 2005, p. 68:

A consciência de um momento não é reflexionada nem quebrada em pedaços. Como eles estão naquele vero momento, todos os elementos de impressão estão juntos e são um único sentimento indivisível e sem partes. O que foi destilado pela fragmentação descritiva como parte do sentimento, não são realmente partes deste sentimento como ele está no exato momento em que está presente.; elas são o que aparece como estando lá, quando refletimos sobre o sentimento, depois que ele passou

Contudo, o sujeito que não aceita determinada mudança opta por uma finalidade. A não-aceitação resulta em uma determinada culpa. A consciência se culpa pela transição de realidade, sendo assim Freud explica acerca da “má-consciência” que:

Chamamos a este estado “má consciência”, mas na realidade ele não merece esse nome, pois neste estágio a consciência de culpa não passa claramente da perda do amor, medo “social” (...) dai eles habitualmente se permitirem realizar o mal que lhes for agradável, se tiverem certeza que a autoridade não saberá ou nada poderá fazer contra eles, seu medo é apenas o de serem descobertos. (FREUD, 2011, p. 70)

Neste estágio, o sujeito pensa no aqui-agora, na sua interioridade, nos seus sentimentos e no que a sociedade interfere, deixando a mente conturbada, optando por uma fuga.

2.4 OBJETIVAÇÕES E SUBJETIVAÇÕES

No que tange à subjetividade humana, Berger e Luckmann (2006, p. 52), relatam que a expressividade humana é capaz de objetivações que servem de índices de processos subjetivos que podem ser perceptíveis além da situação face a face. Exemplificando tal afirmação, os autores trazem a atitude subjetiva de cólera, visto que esta está inteiramente anunciada na ocasião face a face por índices corpóreos, postura, expressão facial, dentre outras características que são percebíveis, oferecendo uma excelente situação para a interpretação da subjetividade do outro.

A cólera, porém, pode ser objetivada por meio de uma arma. Suponhamos que tenha uma alteração com outro homem, que me deu amplas provas expressivas de raiva contra mim. Esta noite acordo com uma faca enterrada na parede em cima de minha cama. A faca enquanto objeto exprime a ira do meu adversário. Permite-me ter acesso à subjetividade dele, embora eu estivesse dormindo enquanto ele lançou a faca e nunca tenha visto porque fugiu depois de quase ter-me atingido. Com efeito, se deixar o objeto onde ele está, posso vê-lo de novo na manhã seguinte, e novamente exprime para mim, a cólera do homem que a lançou. (BERGER & LUCKMANN, 2006, p. 52 e 53).

Nesse caso, a faca é objeto subjetivo de violência, mesmo que tenha outros desígnios, quer seja para auxiliar na hora da refeição, ou para demais considerações de utilidades. A faca enquanto objeto continuará expressando atitude violenta, independente do olhar de outras pessoas, desde que elas tenham conhecimento do que é uma arma. Deste modo, ao mesmo tempo em que este objeto é derivado de produto humano é também uma objetivação da subjetivação.

Berger & Luckmann (2006, p. 53) afirmam que a realidade da vida cotidiana somente é possível por causa das objetivações.

Estou completamente envolvido por objetos que “proclamam” as intenções subjetivas dos meus semelhantes, embora possa às vezes ter dificuldade de saber ao certo o que um objeto particular está

“proclamando”, especialmente se não foi produzido por homens que não conheci bem, ou mesmo não conheci face a face.

As objetivações podem ser derivadas também de sinais. A produção de comunicação via interpretação de sinais também expressa subjetividade. Logo, com exemplo citado anteriormente, ao invés do inimigo cravar a faca em cima da cama, se ele tivesse pintado um “X” preto na porta de seu inimigo, também expressaria a cólera e a antipatia. Outro exemplo de sinal que pode expressar a ira é o ato de passar o dedo sobre a garganta. Neste caso, o sujeito automaticamente faz uma ameaça sinalizada que expressa a sua subjetividade, a ira, a raiva, a ânsia pela violência.

Os sinais se organizam em sistemas. Esses sistemas de sinais podem ser gesticulatórios, ou seja, que necessitam de movimentos corporais, gestos. Para Berger & Luckmann (2006), os sinais e os sistemas de sinais são objetivações no sentido de serem objetivamente acessíveis além da expressão de intenções subjetivas “aqui e agora”.

Por esse viés, no momento em que o sujeito ingere diferentes tipos de medicamentos em alta dosagem ou amarra uma corda em seu pescoço, tirando sua vida, está expressando subjetivamente o “aqui e agora”.

No que se refere à linguagem, os autores frisam ser ela definida como “sistema de sinais vocais, sendo este o mais importante sistema de sinais da sociedade humana”.

Seu fundamento encontra-se na capacidade intrínseca do organismo humano de expressividade vocal, mas só podemos começar a falar de linguagem quando as expressões vocais tornaram-se capazes de se destacarem dos estados subjetivos do “aqui e agora”. (BERGER & LUCKMANN, 2006, p. 55)

Dessa maneira, as objetivações da vida cotidiana mais comuns são designadas pelas significações linguísticas. A linguagem é a melhor forma de compreensão da realidade humana, visto que é com ela e por ela que nos comunicamos com nossos semelhantes.

A linguagem me fornece a imediata possibilidade de contínua objetivação de minha experiência e desenvolvimento... é flexivelmente expansiva, de modo que me permite objetivar grande número de experiências que encontro em meu caminho no curso da vida. (BERGER & LUCKMANN, 2006, p. 57).

Ao adentrarmos à realidade social, sabemos que o sujeito vive em realidades que podem ser consideradas objetiva e subjetivas. E o meio social em que vive tem uma grande parcela de influência na vida cotidiana do mesmo. A socialização pode ser interiorizada de formas diferentes para cada sujeito, levando em consideração a sua própria realidade subjetiva, que pode ser ameaçada por instituições que impedem o sujeito de agir conscientemente.

Conforme vimos, a realidade da vida cotidiana mantém-se pelo fato de corporificar-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização. Ademais disso, porém, a realidade da vida cotidiana é continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros. Assim como a realidade é originariamente interiorizada por um processo social, assim também é mantida na consciência por processos sociais. Estes últimos não radicalmente diferentes dos exercidos na primeira interiorização. Refletem também o fato básico de que a realidade subjetiva deve ter com a realidade objetiva uma relação socialmente definida. (BERGER & LUCKMANN, 2006, p.192)

Dentro de uma sociedade, existem diferentes culturas e valores que são seguidos por uma grande maioria dominante, e vive-se a mercê dessas regras impostas socialmente. O sujeito que conscientemente deseja agir diferente dessa maioria terá possivelmente um julgamento. Quando alguém comete o suicídio, ele tem consciência do seu ato, sabe que ao agir não estará fazendo mal pra ninguém além de si próprio, e o fato de saber que não terá um julgamento social pelo seu ato, para ele é mais fácil de agir.

Nestas situações pré-definidas acham-se incluídas certas situações marginais, das quais a morte é de longe a mais importante. Entretanto, as crises de realidade podem acontecer em um número consideravelmente maior de casos do que os estabelecidos por situações limite. (BERGER & LUCKMANN, 2006, p. 200).

Sem um julgamento social, o sujeito não tem nada que o impeça de praticar determinado ato. Por esse viés, o suicídio resulta de uma série de conturbações, dentre elas a sociedade e o quanto ela pode interferir na formação consciente do sujeito.

2.5 ENTENDENDO O QUE É SUICÍDIO

O sociólogo Émile Durkheim, estudou o suicídio e o que leva os sujeitos a cometerem tal ato. Há várias situações que levam um sujeito a cometer

suicídio, e acredita-se que a maioria podem ser causas sociais, loucura e também alienações mentais. Inúmeros estudos contemporâneos sobre o suicídio focavam em características individuais. Durkheim (2002) estudou as conexões entre os indivíduos e a sociedade. Ele acreditava que se pudesse demonstrar o quanto um ato individual é o resultado do meio social que o cerca, teria uma afirmação de que os comportamentos sociais influenciam no ato suicida. Durkheim desenvolveu o conceito de monomania. Ele explora as diferentes taxas de suicídio entre protestantes e católicos, explicando que o forte controle social entre os católicos resulta em menores índices de suicídio.

Existem duas espécies de causas extra-sociais que se pode atribuir a priori uma influência sobre a taxa dos suicídios: são as disposições orgânico- psíquica e a natureza do meio físico. Poderia suceder que, na constituição do indivíduo ou ao menos na constituição de uma importante classe de indivíduos, houvesse uma tendência, de intensidade variável segundo os países, que conduzem o homem diretamente ao suicídio; por outro lado, o clima, a temperatura, etc, poderiam, pela forma como agem no organismo ter os mesmos efeitos diretamente (DURKHEIM, 2002, p. 29).

Segundo Esquirol (apud DURKHEIM, 2002): “O suicídio possui todas as características das alienações mentais” (Des maladies mentales, 1838, p. 639), que é todo e qualquer distúrbio mental ou neuromental que persiste no sujeito. “O homem só atenta contra a própria vida quando está mergulhado no delírio”. Logo, podem-se relacionar as alienações mentais a uma das categorias da consciência de Peirce, conhecida como a primeiridade, sentimento ou impressão indivisível e sem partes, mero tom da consciência.

Quando qualquer coisa, por mais fraca e habitual que seja, atinge nossos sentidos, a excitação exterior produz seu efeito em nós. Tendemos a minimizar esse efeito porque a nossa resposta a ela é, no mais das vezes, indiscernível. É o nosso estar como que natural no mundo, corpos vivos, energia palpitante que recebe e responde. No entanto, quaisquer excitações, mesmas viscerais ou interiores, imagens mentais e sentimentos ou impressões, sempre produzem alguma reação, conflito entre esforço e resistência. Segue-se que em toda a experiência, quer seja de objetos interiores ou exteriores, há sempre um elemento de reação ou segundo, anterior à mediação do pensamento articulado e subsequente ao puro sentir. (DURKHEIM, 2002, p.37).

Então quando o sujeito comete o suicídio, ele só está tentando minimizar uma dor que o aflige, mas mesmo tendo consciência da dor ele não consegue exprimi-la de outra forma, não consegue buscar um entendimento. É

importante ressaltar que não há apenas um tipo de suicídio, eles podem ser classificados em quatro, de acordo com Durkheim, Suicídio Maníaco, Suicídio Melancólico, Obsessivo, Impulsivo ou Automático.

No suicídio obsessivo não existe um motivo especial para tirar a própria vida, real ou imaginário, há somente uma ideia fixa da morte.

Trata-se de uma necessidade instintiva sobre a qual a reflexão e o raciocínio não têm domínio, de uma necessidade análoga à de roubar, de matar, de incendiar, das quais, aliás, se pretendeu fazer monomanias. Como o sujeito se dá conta do caráter absurdo de seu desejo começa por tentar lutar contra ele. Mas, durante todo o tempo de manifestação dessa resistência, o doente se vê mergulhado em um estado de tristeza, depressão, e sente na cavidade epigástrica uma ansiedade que aumenta a cada dia. É essa razão pela qual já se dominou esse tipo de suicídio como suicídio ansioso. (DURKHEIM, 2002 p. 38).

Quando o sujeito doente passa a ter impulsos instantâneos e imediatamente irresistíveis, foge daquela ideia fixa da morte, portanto qualquer ação, objeto, imagem, pode o levar a cometer suicídio. Assim, caracteriza-se como suicídio impulsivo ou automático.

Nesse caso, pelo contrário, a tendência pelo suicídio surge e produz seus efeitos de maneira automática, sem ser precedida por nenhum antecedente intelectual. A visão de uma faca, o passeio à beira de um precipício etc, faz com que a ideia de suicídio nasça repentinamente do doente, e o ato segue-se-lhe com uma rapidez tal que nem o próprio indivíduo tem consciência do que se passou com ele (DURKHEIM, 2002 p. 39).

O suicídio maníaco é, quando o indivíduo se mata para fugir de um perigo ou uma vergonha imaginária, que possivelmente nem ele tem consciência do que realmente lhe incomoda.

De um momento para o outro, surge a alucinação ou delírio que levam o sujeito à decisão de se destruir; disso resulta a tentativa de suicídio; depois, em um instante a cena muda e, em caso de aborto da tentativa ela não mais é retomada, pelo menos não naquele momento. Se voltar a se reproduzir mais tarde, será por algum motivo diverso. O mais significativo incidente pode acarretar essas alterações bruscas. (DURKEIM, 2002 p. 36)

E por fim o suicídio melancólico, esse se relaciona a um estágio de grande depressão, profunda tristeza, que faz com que o doente não sinta mais prazer em viver.

Nenhum prazer o interessa; enxerga tudo de maneira sombria. A vida aparece-lhe como aborrecida ou como penosa. Dada à constância dessas disposições, o mesmo acontece com as ideias de suicídio; surgem-lhe dotadas de grande fixidez e os motivos gerais que as determinam são sempre sensivelmente os mesmos (DURKHEIM, 2002 p. 37).

Contudo, conclui-se que o ato suicida está diretamente relacionado com a representação consciente de mundo interno e social do indivíduo, embasado nas linguagens subjetivas e categorias de pensamento, representadas pelo sujeito no seu ato comportamental.

Durkheim (2002) também relaciona o suicídio com os estados psicológicos normais, raça ou a hereditariedade do indivíduo. Para ele:

[...] a tendência poderia consistir em fenômenos puramente psíquicos, sem estar necessariamente ligada a perversões do sistema nervoso. Por que não poderia haver nos homens uma tendência a dar um fim à existência que não fosse uma monomania ou uma forma de alienação mental ou de neurastenia? A proposição poderia ser aceita, como já o admitiram vários suicidógrafos, cada raça tivesse a sua própria taxa de suicídios, pois uma raça só se define e diferencia das demais por caracteres orgânico-psíquicos (DURKHEIM, 2002, p.63).

Nesse sentido, se o suicídio variasse de acordo com as raças, seria preciso reconhecer a existência de alguma disposição orgânica da qual ele fosse estreitamente solidário.

A teoria que faz da raça um fator relevante na tendência para o suicídio admite implicitamente, que tal ato é hereditário: de resto, só nesse aspecto pode constituir uma característica étnica. Mas a hereditariedade do suicídio está demonstrada? É o que tenta responder Durkheim (2002, p. 76) visto que segundo ele “[...] não é o suicídio que é hereditário; o que se transmite de pais para filhos é tão somente certo temperamento que pode predispor os indivíduos para o suicídio, mas que não pode constituir uma explicação da determinação destes”.

Um estudo desenvolvido por Bertolote e Fleischmann (2002, apud CARVALHO, 2012, p. 2), utilizando o método da autópsia psicológica, analisou mais de 15.000 prontuários e constatou que 98% dos pacientes que haviam cometido o suicídio haviam recebido um diagnóstico de transtorno mental na ocasião da morte. Dentre os transtornos mais frequentes estavam a depressão (como a mais prevalente), o alcoolismo e a esquizofrenia. Os autores

concluíram que sendo o transtorno mental um importante fator de risco do suicídio, o tratamento do transtorno mental se constituía numa estratégia essencial na sua prevenção.

No entanto, Carvalho (2012, p. 2) destaca que:

[...] o suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial que não dispõe de uma explicação universal e nem sempre está associado a uma patologia. Sua compreensão deve considerar as particularidades e a história de cada sujeito, buscando suas causas não apenas nos fatores precipitantes, mas na associação deste com seus motivos latentes.

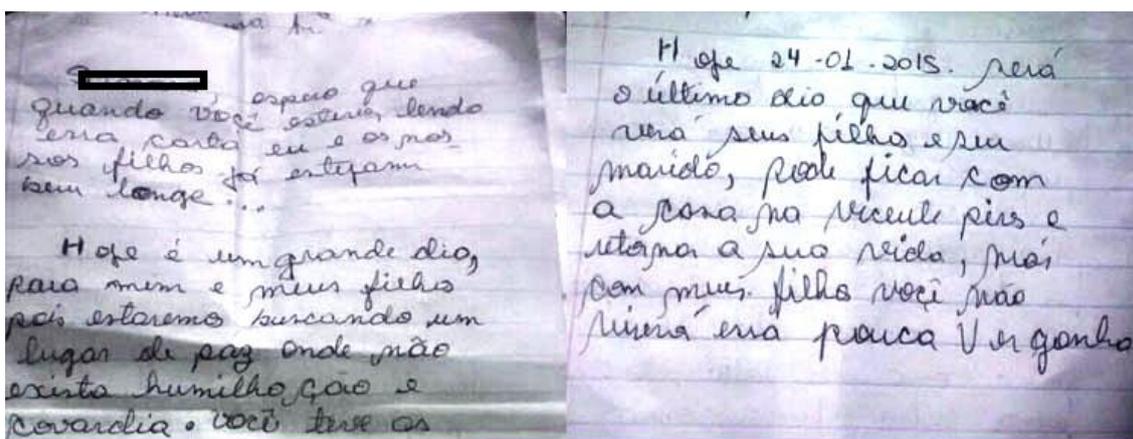
Desse modo, Carvalho (2012) trata o suicídio como uma manifestação humana, uma forma do sujeito lidar com seu sofrimento.

3 ANÁLISE DE DADOS

Buscamos por meio das teorias apresentadas neste estudo, encontrar significados e entender a subjetividade presente nas cartas e relatos de sujeitos suicidas. Entende-se que cada informação recebida dos meios externos (sociedade, crenças, ideologias etc), o objeto é recebido por vários meios de comunicação, tanto na linguagem verbal quanto na não verbal, como gestos, mímicas ou imagens. Diante desse fator, e pela subjetividade de entendimento, pode se distorcer a realidade externa e modificar a realidade interna do sujeito. Tais modificações podem acontecer diante da condução de vida do sujeito em questão, pois dependendo da situação cada ser interpreta de maneira diferente, que resultará numa mudança comportamental a partir do significado interno do sujeito, trazendo a este um estado emocional que será refletido de forma positiva ou negativa. Com base nos conceitos estudados, dar-se-ão a elaboração das análises das cartas coletadas de sujeitos suicidas.

CARTA 1:

Retirada do jornal eletrônico Correio Brasiliense, reportagem intitulada “Pai morre em acidente de carro com os quatro filhos em GO e deixa carta de despedida”.



http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/01/26/interna_cidadesdf,468113/antes-sair-com-quatro-filhos-para-a-ultima-viagem-pai-entrega-carta-a.shtml

“... espero que quando você estiver lendo essa carta eu e os nossos filhos já estejam bem longe...”

Percebe-se que o sujeito busca fugir de seu próprio registro psíquico de realidade, visto que ele não define a coerência de sua realidade, pois os estímulos do mundo externo modificam o próprio sentido do sujeito. Para ele a verdadeira felicidade é a fuga de sua vivência familiar, visto que há um confronto de permanecer em determinado vínculo. Logo, apropria-se do signo 'morte' como simbologia de paz para representar a saída do túnel interior, sendo a evasão como solução. Constata-se um entendimento em que a primeiridade constata o mal-estar social que causa a reação secundária como recusa da realidade, levando a elaboração terceira de morte como solução.

“... Hoje é um grande dia para mim e meus filhos, pois estaremos buscando um lugar de paz onde não exista humilhação e covardia...”

Anteriormente, o sujeito menciona os filhos como “nossos”, em seguida, percebe-se a posse em relação às crianças, dando ênfase quando cita “meus filhos”, descaracterizando o sentido familiar. Metaforicamente, o entendimento sobre a atual realidade familiar do indivíduo era conflitante, visto que quando o mesmo alega buscar um lugar de paz onde não haja humilhação, visto que o lugar de paz dentro da realidade do sujeito pode ser idealizado como céu, logo para ele, o ambiente em que se encontrava pode ser caracterizado como inferno.

“... Hoje 24-01-2015 será o último dia que você verá seus filhos e seu marido, pode ficar com a casa na Vicente Pires e retornar a sua vida, mas com os meus filhos você não viverá essa pouca vergonha”.

Em seu discurso, o sujeito refere a si mesmo em terceira pessoa, podendo assim subentender que ele não se identifica como marido, sendo apenas um indivíduo qualquer. O sujeito adentra na situação como um solucionador do problema familiar existente, como se fosse outra pessoa interferindo e retirando da esposa os filhos e o “marido”. Embora o sujeito acredite ser o solucionador dos problemas, ao mesmo tempo ele tem uma visão inferior de si mesmo, sendo incapaz de enfrentar tal situação de forma

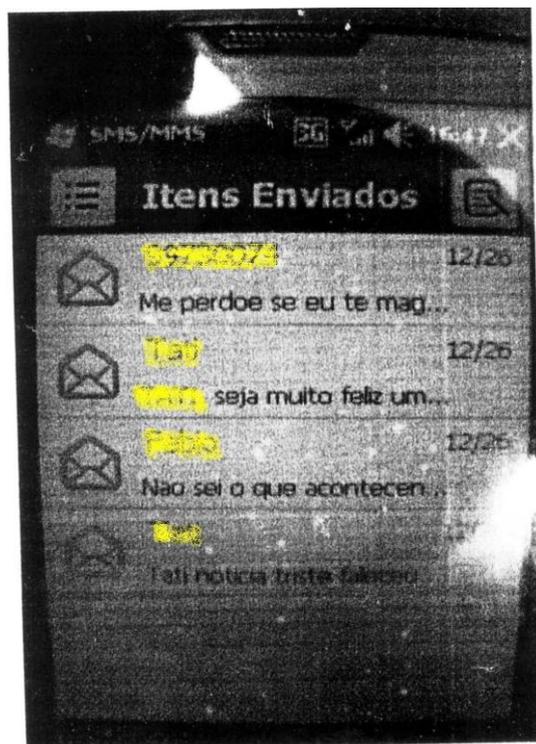
mais relevante, cometendo o ato suicida de si e homicida, visto que leva a morte seus próprios filhos, com instinto protetor, buscando um “lugar melhor”, desprezando a vida.

De todo processo, percebe-se que desde o início até a consolidação do ato suicida, primordialmente o sujeito agiu de forma inconsciente, pois pelo seu próprio desamor e medo social (covardia e humilhação, conforme registrado na carta). Para o sujeito, a morte seria a única solução consciente que os libertasse, vindo como uma fuga para a solução dos problemas, que aparentemente seria a relação com a sua esposa. Acredita-se que o sujeito não praticou o ato homicida contra a esposa, pois ele tem a consciência das possíveis consequências que ele estaria exposto. A sua morte e a de seus filhos não teriam um julgamento social.

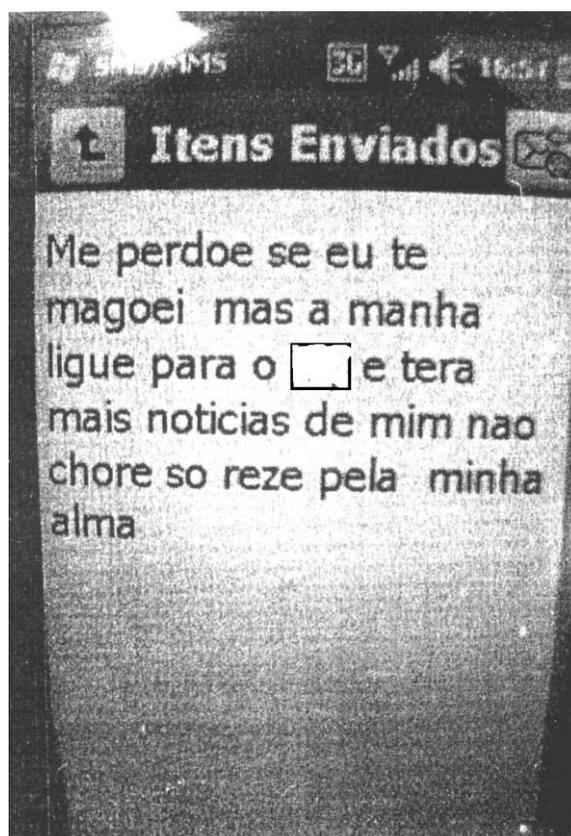
A subjetividade destes escritos está na relação do sujeito com o mundo social, e na representação dele para com o mundo, seus medos, seus desejos, suas fraquezas e a realidade existente de não ser capaz de enfrentar determinada situação e os possíveis julgamentos sociais. Sua crença está na busca de outro lugar que não seja este mundo para poder encontrar a paz com quem se ama, neste caso, seus filhos. De acordo com Durkheim, este ato se encaixaria no suicídio maníaco, pela vergonha imaginária do sujeito perante a sociedade.

CARTA 2 - MENSAGENS DE TEXTO

Mensagens de texto coletadas em inquérito arquivado no Fórum da comarca de Pato Branco -PR.



Fórum de Pato Branco.



Fórum de Pato Branco.

Constata-se nas mensagens telefônicas que o sujeito encaminhou recados às pessoas das quais ele gostaria de se despedir. Nas digitalizações das mensagens serão identificadas como Pessoa 1, Pessoa 2 e Pessoa 3, para respeitar a ocultação da identidade dos envolvidos no caso.

Mensagem encaminhada a Pessoa 1:

“Me perdoe se eu te magoei mas a manha ligue para o Fulano e terá mais notícias de mim não chore só reze pela minha alma.”

Inicialmente percebemos o arrependimento moral do sujeito e conseqüentemente a sua despedida. Na frase "Me perdoe se eu te magoei", encontramos expressões de um discurso dialético anterior de forma exaltada ou caracterizada de imposição, controle perante sua situação passada com o receptor do discurso em questão. A maneira que o sujeito encontra para se desculpar é a admissão de seu erro, neste caso, magoar determinada pessoa. Tal apreensão de culpa ou arrependimento gerou o isolamento e a interiorização de sentimentos que conseqüentemente definiu uma situação de realidade subjetiva e julgativa de seu comportamento no ato de magoar ou ter tido uma ação errada, reprovada socialmente.

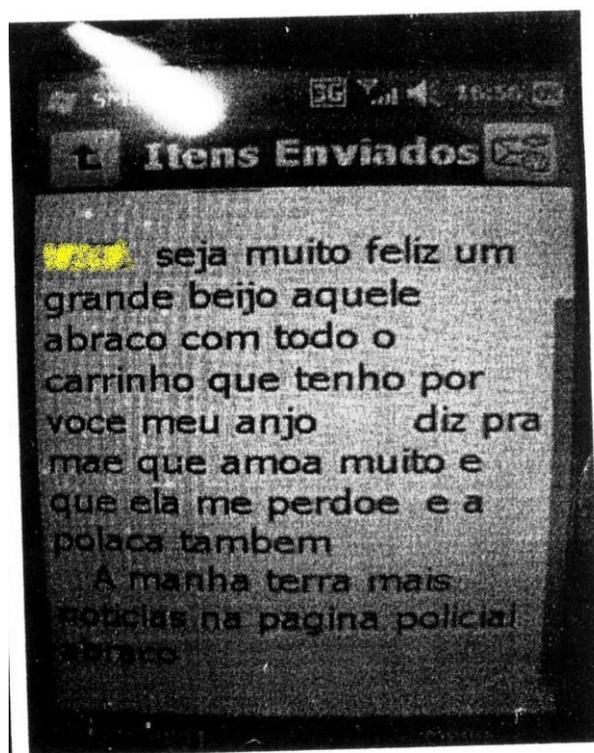
“Mas amanhã ligue para o Fulano e terá mais notícias de mim.”

Nessa sentença entendemos que Fulano é a pessoa da qual terá as primeiras informações acerca de fatalidade, visto que o sujeito praticante do ato teve a intenção de primeira ordem o seu suicídio e de segunda ordem tornar seu ato acessível a certa pessoa, (Fulano) para o repasse da informação.

Entendemos que a expressividade do sujeito foi capaz de manifestar uma reação de subjetividade de mágoa, indiciando ao alcance da visão do próprio Fulano, que precisamente teve a informação do fato em primeira mão, porém tendo uma realidade objetiva – morte - sem o entendimento do comportamento subjetivo – aviso do ato.

“Não chore, só reze pela minha alma.”

A imposição do discurso ‘não chore’ nos remete ao entendimento de que o receptor partilhava de sentimento com o sujeito. “Só reze pela minha alma” é um discurso de preocupação com o que poderá acontecer com ele no mundo espiritual, que ele crê. Entende-se que essa preocupação deriva de seus atos em vida como magoar alguém, discutir, ofender, e outras atitudes que fazem com que o ser não tenha segurança de que fez seu papel de bem em terra, principalmente pelo fato ato que realizou, o suicídio, pois há a crença para os cristão de que quem tira a própria vida, vai para um lugar em que a alma pagará o preço pelo ato subjetivo daquele que ora diz. Há uma interpretação aqui de um não dito de suicídio como pecado.



Fórum de Pato Branco.

Nesta passagem, o sujeito se despede novamente, tendo em mente um suicídio premeditado. É importante frisar que há preocupação explícita dele para com as pessoas que está deixando.

“Seja muito feliz, um grande beijo, aquele abraço com todo carinho que tenho por você, meu anjo”.

Essa demonstração de afeto nos retrata o sentimento do sujeito pela pessoa em questão. Perante sua situação, de não aceitação de realidade, o sujeito solicita o perdão de sua mãe, deixando um aviso:

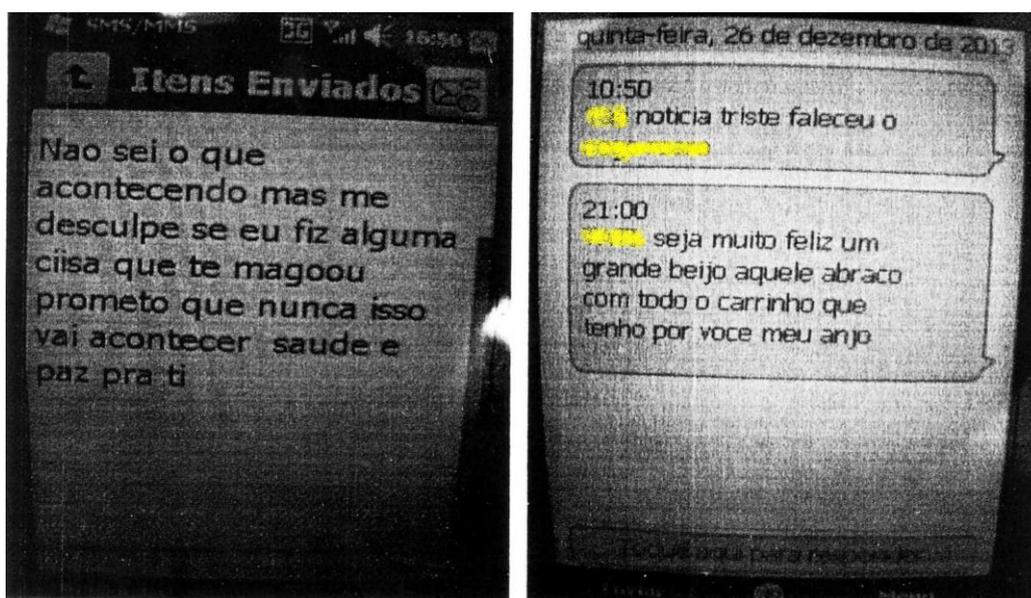
“Diz pra mãe que amo-a muito e que ela me perdoe.”

No momento em que essa sentença é analisada, questiona-se o motivo pelo qual ele não falou diretamente à sua mãe. O ato de pedir a outros, nos remete a falta de coragem de enfrentá-la, pois ao alarmar sobre o que poderia acontecer com ele não se dirige diretamente à pessoa que lhe deu a vida, e sim pede que a avisem. O pedido de perdão novamente ressignifica o ato de suicídio como pecado, não permitido em contraposição a palavra mãe, aquela que dá a vida.

Em seguida, temos o aviso subentendido do sujeito à pessoa.

“Amanhã terá mais notícias de mim na página policial.”

A fuga da realidade deste sujeito que se encontra na Secundidade conforme teoria mencionada anteriormente, e que, por suicidar-se não chega à Terceiridade, nos faz construir um papel social destinado a ele, o conflito ganha a cena e não há compreensão, Terceiridade que faça jus viver.



Nas duas demonstrações de mensagens acima, temos a seguinte sentença proferida pelo sujeito suicida:

“Não sei o que está acontecendo, mas me desculpe se eu fiz alguma coisa que te magoou, prometo que nunca vai acontecer. Saúde e paz pra ti.”

A frase que inicia a mensagem nos mostra que o sujeito se encontra num imenso conflito interno, pois não consegue entender o que está acontecendo consigo, não há um momento no seu discurso em que ele explica o motivo pelo qual tem em mente o ato suicida, nem se refere ao suicídio e sim, sempre utiliza de palavras e frases que descrevem a sua partida para outro mundo, onde ele mesmo não sabe para onde irá. O desconhecido oferecido pela morte é melhor do que a dor do sofrimento vivido e não compreendido, há apenas a pulsão de morte. A preocupação com a sua alma é evidente em todas as situações, visto que os sujeitos conhecem o discurso cristão com respeito ao ato do suicídio e a reprovação espiritual de tal ato.

Na escrita seguinte, a pessoa que recebeu a mensagem de despedida, encaminha a um terceiro o qual retorna com a notícia do ato consolidado do sujeito, a morte por suicídio. Consideramos, segundo Durkheim, como suicídio melancólico, pela agonia, tristeza profunda demonstrada pelo sujeito, vendo no suicídio sua única fuga.

CARTA 3

Relato arquivado no Fórum da comarca de Pato Branco-PR, como inquérito, caso de suicídio. Segue a digitalização do relato deixado pelo sujeito, posteriormente a transcrição para melhor leitura e entendimento do acontecimento.

Mãe cuida da vida.
 Filha ée como ela,
 nos tempos ela de
 amim ée muito com
 nome de Pato Branco [redacted]
 [redacted] pois ée uma
 uma criança com avó
 Ele ée um bom rapaz
 Ele tem um pai forte
 Ée o pai da moçoira
 A Pato de avó a Sombra
 me ajuda com a vida
 de comia eu não fumo

Fórum de Pato Branco.



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
5ª SUBDIVISÃO POLICIAL DE PATO BRANCO



AUTO DE EXIBIÇÃO E APREENSÃO

Aos 29 dias do mês de dezembro de 2011, na 5ª SDP de Pato Branco, tendo como Delegada de Polícia [REDACTED] e Escrivã [REDACTED] [REDACTED] compareceu [REDACTED] já qualificado, o qual apresentou para a autoridade policial o bilhete abaixo descrito:

Quantidade	Objetos
01	Pedaço de papel de cor branca escrito com caneta esferográfica de cor azul, com as seguintes palavras: " MÃE CUIDE DA MILHA FILHA EU AMO ELA MAS TIRARQ ELA DE MIM EU NUNCA VOU PERDOA O [REDACTED] POIS ELE QUIZ ME ESTRUPA NEM AVISA ELE QUE EU NÃO (ilegível) ELE. POR QUE ATÉ FOME EU PASSEI MÃEZINHA APEZAR DE ATE A SENHORA ME AQUELA UM PRATO DE CUMIDA EU NÃO TENHO RAIVA DA SENHORA A ULTIMA VEZ EU FALO AMO A SENHORA VOU EMBORA PRA SEMPRE" contendo também algumas anotações "langeri 182-60 ate dia 6.2.1012" outra anotação [REDACTED] conta BRADESCO [REDACTED] [REDACTED]

Delegado

Exibidor

Escrivã

Fórum de Pato Branco.

Nos relatos acima, é possível identificar uma grande dor emocional vivida pelo sujeito suicida. Ao pensar em praticar o ato, leva em consideração apenas a sua dor. Sendo mais uma vez relacionado ao suicídio melancólico,

pela constância de disposições de depressão e exagerada tristeza, recorrentes de um possível trauma referente à situação em que o sujeito esteve exposta mencionada logo abaixo:

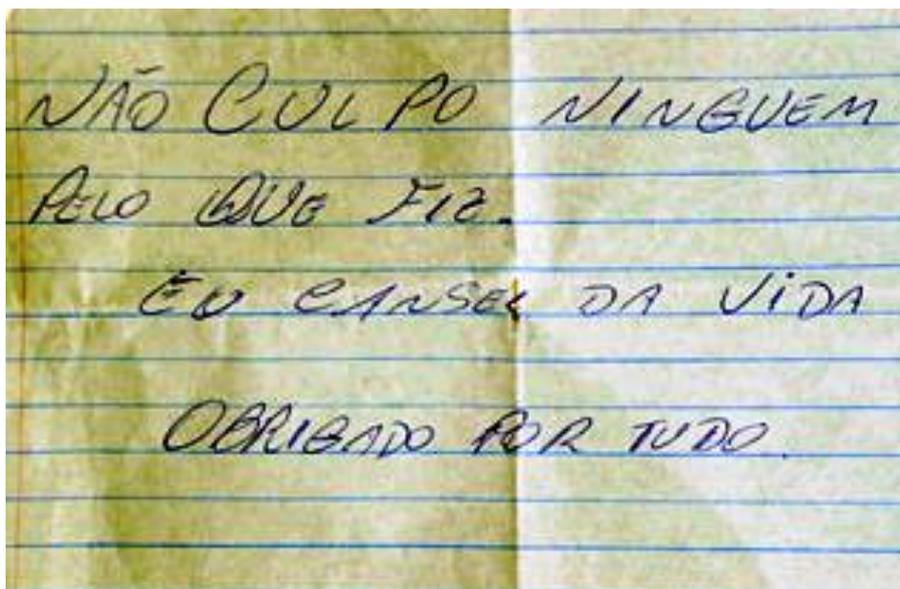
“eu nunca vou perdoar o - JP pois ele quis me estupra...”

Podemos entender que, embora o ato de estupro não tenha sido concretizado, o sujeito passa por uma situação de extrema tristeza pelo fato do então “JP” desejar estuprar. Ao se deparar com um trauma, o sujeito não chega a uma terceiridade e para completar o entendimento de determinada ação no passado, e então se culpa ou vive um mundo que é apenas real para ele, onde toda qualquer situação similar pode vir a ser constrangedora e ameaçadora.

O sujeito enfrenta internamente uma dor recorrente de traumas psicológicos, desamor e até mesmo o fato de ter passado fome, porém, vê a figura da filha e mãe, como um amor incondicional, que ela conscientemente perdoa acima de qualquer situação já vivida.

CARTA 4:

Relato retirado do Jornal eletrônico Tribuna de Indaiá, como caso de suicídio.



NÃO CULPO NINGUEM
PELO QUE FIZ.
EU CANSEI DA VIDA
OBRIGADO POR TUDO.

(<http://www.tribunadeindaia.com.br>)

Importante ressaltar que na carta 4 o sujeito suicida também tem a consciência de que o suicídio é algo que será visto socialmente como algo a ser investigado, a se encontrar um porque o que traz a antecipação interpretativa: “*Não culpo ninguém pelo que fiz. Cansei da vida.*”

A carta tem uma história reportada no jornal Tribuna de Indaiá, pelo jornalista Manoel Miranda, em 2011. Anterior à análise, há de se explicar o contexto em que o suicídio ocorreu. Segundo a reportagem, o sujeito ligou dias antes na redação do jornal avisando que havia um corpo amarrado a uma árvore perto da prefeitura. Vejamos na íntegra a transcrição da conversa:

Transcrição da conversa

Jornalista - Tribuna.

Pedro - Bom dia.

Jornalista - Bom dia.

Pedro - Pede para alguém passar perto da prefeitura, no meio do mato, tem um corpo pendurado ali.

Jornalista - Tem o quê?

Pedro - Corpo.

Jornalista - Quem está falando?

Pedro - Não...vai lá ver, tá bom?

Jornalista - Perto da Prefeitura, de que lado mais ou menos?

Pedro - Pela mata que tem lá. Entra lá no meio.

Jornalista - Tudo bem, valeu, obrigado.

(<http://www.tribunadeindaia.com.br>)

Ainda segundo a matéria, não foi encontrado, naquele momento, nenhum corpo nas proximidades. Entretanto dias depois o corpo do próprio sujeito foi encontrado nas mesmas referências citadas na ligação. Para confirmar a veracidade da ligação, o irmão da vítima ouviu a gravação e constatou que a voz era mesmo do seu irmão.

No bilhete encontrado na calça do sujeito suicida constata-se a seguinte frase:

“Não culpo ninguém pelo que fiz, eu cansei da vida. Obrigado por tudo”.

O ato de tirar a vida com uma justificativa simples como a que o sujeito se referiu é uma ação premeditada. O que o teria levado a cansar da vida provavelmente foi à rotina, o desamor, a sua realidade, a falta de sonhos, problemas de saúde, financeiros? Neste caso, o sujeito encontra-se na secundidade, não conseguindo avançar para a terceiridade e talvez, resolver o que lhe aflige. Novamente o suicídio é visto como uma fuga.

Ainda, segundo a reportagem feita pela Tribuna de Indaiá, o sujeito havia ligado para a ex-esposa momentos antes de praticar o ato. Na ligação, ele oferece as chaves de seu automóvel, pois “[...] para onde ele estava indo não precisava de carro”. A intenção de avisar a redação do jornal, dar a localidade do ato, deixar um recado subentendido à ex-esposa, demonstra que o sujeito pretende que as pessoas saibam do ato que ele almeja praticar. Talvez numa tentativa de que alguém evite o ato de alguma forma.

No que tange às teorias de Durkheim acerca do suicídio, este ato se encaixaria no suicídio melancólico, visto que é o estágio ao sujeito nenhum prazer lhe interessa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com o estudo desse trabalho que, o ser humano se move em função de algo. Pensamento, linguagem e marcas linguísticas deixadas nos últimos momentos de comunicação. Através das marcas linguísticas acessamos a subjetividade dos indivíduos e por meio delas se consegue compreender mais do que um simples relato, compreender o impasse entre continuar ou não vivendo, as dores emocionais, os conflitos, entender a subjetividade humana. As cartas ou relatos de sujeitos suicidas pode-nos auxiliar a entender a linguagem como a materialização de nossas subjetividades, a necessidade de expor o conflito vivido, registrar, talvez como um último recurso, um pedido de perdão, um muito obrigado, um cansei de viver... é a linguagem material a objetivação da situação emocional vivida.

O sujeito suicida, sempre foi grande desafio para diversas áreas do conhecimento humano além da sociologia, filosofia, várias áreas de saber, e o problema, logicamente, vai para além da questão meramente linguística pelo simples fato de que uma questão linguística, por si só, envolve muitas outras, incluindo políticas, econômicas, culturais e mesmo psicológicas. Para uma comunidade, um grupo, a língua é a sua forma de se representar junto ao mundo, sendo elas moral, ética, familiar, religiosa, médica e cultural da sociedade onde está inserido o sujeito. E nesse sentido o ato suicida pode ser identificado e até mesmo entendido a partir da linguagem declarada, dessa forma pode-se compreender o sujeito suicida e seu ato.

Laço social e comportamento é o que se comprova a respeito do que não é dito, do que não é falado, daquilo que permanece como subjetivo e sufocado, conseqüentemente sempre aparece em ato, ainda que seja pelo ato suicida. Ainda outros autores como Santaella, Durkheim, demonstram que quando a língua é usada, ela expressa toda uma maneira de ver, de sentir, de aprender. Quando uma língua desaparece, com ela desaparece todo um universo, porque o universo é, em parte, a maneira como ele é visto. E assim o que ocorre é que os indivíduos sentem vergonha de falar acerca de seus sentimentos e optam por deixar escrito o que sentem. O Estudo desse comportamento suicida com base na semiótica, nos signos, entre o estudo de outros fatores como consciência, subjetividade e objetividade da qual se

utilizam o estudo da linguagem, são de grande importância sob a ótica para o entendimento da íntima relação entre sujeito e seu comportamento suicida.

Por esse fato, a reação do ato suicida está relacionada em uma consciência falha voltada mais para a realidade interna do que outra forma de ver o mundo, mesmo tendo consciência não consegue exprimi-la de outra forma, a não ser de encontrar uma solução e minimizar as dores com o ato suicida e as justificativas, a partir de seus relatos deixadas em cartas escritas. E isso pode ser identificado a partir das marcas linguísticas deixadas nessas cartas. Essas formas de linguagem ajudam a entender o que se passou na consciência do sujeito. A linguagem é a melhor forma de compreensão da realidade humana, visto que é com ela e por ela que nos constituímos sujeitos, pela linguagem e constituímos nossa consciência com nossos semelhantes e meio social envolvido em culturas diferenciadas.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Ed. Vozes. 2006.
- BERTOLETE, José .M.; FLEISCHMANN, Alexandre. **Suicide and psychiatric diagnosis: a worldwide perspective**. *World Psychiatry*. 2002, I (3), p. 181-185.
- BRAGA, Maria Lucia Santaella. **As três categorias peircianas e os três registros lacanianos**. *Psicol. USP*, São Paulo , v. 10, n. 2, p. 81-91, 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- BALAT. M. La tríade em psychanalyses: Peirce, Freud et Lacan. Tese de doutoramento. França. Université de Perpignan.
- CARVALHO, Soraya. **Depressão e Suicídio: aspectos psicológicos**. In Centro Antiveneno da Bahia. 2012. Disponível em: http://www.saude.ba.gov.br/ciave/images/stories/ciave/ciave_pdf/apostila_de_psicologia_ciave.pdf. Acesso em 26 mar 2015.
- COBRA, Nuno. **A Semente da Vitória**. 78ª. Ed. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- CORRÊA, João, V. C; LOPES, Luiz. H.M. **Os estudos semióticos de c.s. peirce e os três registros lacanianos: uma relação**. UFAL 2012.
- DURKHEIM, Emily, **O Suicídio**.Ed. Martin Claret Ltda. 2002.
- DE GOES BRENNAND, Edna Gusmão; DE GOES BRENNAND, Eládio José. **Cognição e redes abertas: a informação interativa como coração dos sistemas inteligentes**. *Ciênc. cogn.*, Rio de Janeiro , v. 10, mar. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 25 mai. 2015.
- FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. Editora Penguin Classics. 2011.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1998.
- LACAN, Jacques. **O Seminário – O Ato Psicanalítico**. 1967 – 1968.
- MATOS, Raimundo L. **Semiótica: Categorias Universais do Pensamento e da Natureza**. 2011.
- MIRANDA, Manoel. **Barbeiro é encontrado morto em matagal**. Tribuna de Indaiá, 2011.

MOLON, Susana. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Editora Vizes, 2011.

MOIMAZ, Érica. MOLINA, Ana. **A contribuição da semiótica peirceana para análise da pintura histórica**. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem 2009.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica. Coleção Estudos**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PINHEIRO, Roberta. PAGANINI, Arthur. MAIA, Flávia. **Tragédia na BR-070 traz À tona história de relacionamento conturbado**. CORREIO BRASILIENSE. 2015. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/01/26/interna_cidadesdf,468113/antes-sair-com-quatro-filhos-para-a-ultima-viagem-pai-entrega-carta-a.shtml.

PONTE & NIEMEYER in **Revista Tríade. Matrizes da linguagem e pensamento como análise da identidade televisiva**. 2010. Disponível em: www.revistatriades.com.br/blog/?page_id=391

QUEIROZ, J. **Tipologia da consciência: Um estudo comparativo baseado na filosofia de C. S. Peirce**. Revista eletrônica PUC. 2007.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro, 2000.

SANTAELLA, L; NÖTH, W. **Imagem Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?** Col. Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. **O sinthome como a heresia teórica de Lacan**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 35-49, June 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982010000100003&lng=en&nrm=iso. access on 30 June 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982010000100003>

ANEXOS

ANEXO A – autorização do jornal eletrônico Tribuna de Indaiá para a reprodução de reportagem.

ANEXO B – laudos retirados do Fórum de Pato Branco.

RES: Autorização para uso de reportagem

↑ ↓ ×

Bom dia,

Entro em contato para solicitar autorização de reprodução da reportagem intitulada "*Barbeiro é encontrado morto em matagal*", publicado em 06/06/2011. O interesse é devido ao trabalho de conclusão de curso que estou finalizando, nele estudo acerca das expressões linguísticas encontradas em bilhetes e cartas de sujeitos suicidas, precisamente na área da semiótica e psicanálise.

Seria de grande valia poder reproduzir esta história em minha monografia. Obviamente, todos os direitos serão reservados.

Atenciosamente,

Karina Mulhmann

Acadêmica do curso de Letras pela UTFPR-Campus Pato Branco-PR

--

Enviado do Gmail para celular

RES: Autorização para uso de reportagem

↑ ↓ ×



Redação - Tribuna de Indaiá (redacao@tribunadeindaia.com.br) Adicionar aos contatos 25/05/2015 ▶

Para: karinamulhmann@hotmail.com ▼

Olá Karina, você tem autorização do Jornal Tribuna para utilizar a reportagem citada, para fins acadêmicos, sem modificações no conteúdo e com os devidos direitos autorais preservados.

Att,



As cartas retiradas do Fórum da comarca de Pato Branco, no Paraná, são públicas. Portanto, não há necessidade de declaração para constar sua veracidade. Qualquer pessoa que tenha interesse de ter acesso a tais relatos, basta entrar em contato com a 2º Vara Cível da comarca de Pato Branco.